

Governo mostra estudo sobre a invasão na área do Rio Marinho

A Secretaria de Estado da Cultura e do Bem-Estar Social deverá divulgar hoje os primeiros resultados dos estudos que estão sendo realizados na região do Rio Marinho, invadida por centenas de famílias, com dados sobre a situação sócio-econômica daquela comunidade de posseiros. O sub-secretário Tasso de Castro Lugon, para quem essa invasão vem sendo processada desde o mês de janeiro, frisou ontem que para serem tomadas providências são necessárias as informações oficiais.

Admitiu também a relatividade desses dados estatísticos, devido a flutuação que ocorre nessas populações recém-formadas, geralmente por migrantes e pessoas de baixa renda. Citou o caso da criação recente de uma favela no bairro de Flexal, em Cariacica, onde chegaram a ser construídos até 150 barracos em um único dia. Desse modo, sustentou, os dados a serem divulgados possivelmente hoje refletirão uma realidade apenas parcial sobre a invasão do já denominado bairro "União" — essa denominação foi sugerida pelos próprios moradores do local, devido à harmonia reinante na comunidade que começa a se formar.

A necessidade desse levantamento, explicou o sub-secretário se justifica pelo fato de permitir o atendimento das famílias dentro das "normas da Secretaria". Depois de lembrar o expressivo número de problemas sociais que têm surgido ultimamente; Tasso de Castro Lugon frisou que a Secretaria "não apoia invasões de terra, mas também não deixa de assistir famílias realmente carentes". Ele chegou a levantar a possibilidade dos posseiros de Rio Marinho serem enquadrados dentro do programa específico de atendimento aos migrantes, em execução pelo Governo.

ABAIXO ASSINADO

Quatrocentas e sessenta e seis famílias de posseiros do bairro União, próximo ao Rio Marinho, no Município de Cariacica encaminharão hoje um abaixo-assinado ao governador Eurico Rezende requerendo "o direito de continuar onde atualmente se encontram", depois de expor a situação de miséria que enfrentam com os seus baixos salários. O documento será protocolado hoje na Casa Civil do Palácio Anchieta.

As 466 famílias de posseiros estão mal instaladas e muitos ainda não tem seus barracos nos terrenos demarcados. Eles redigiram o seguinte documento ao governador do Estado: "As pessoas abaixo-assinadas, ora ocupando uma área, que está sendo chamada invasão do Rio Marinho, no Município de Cariacica, vêm, respeitosamente, expor e requerer a Vossa Excelência o seguinte:

1) Que são pessoas realmente muito pobres, que viviam em barracos alugados na vizinhança da citada área ocupada, exatamente porque não dispõem de meios de adquirir mediante pagamento, terrenos a fim de construir suas habitações;

2) Que não querem e não podem ser consideradas invasores, uma vez que, compelidas pela necessidade de terem seu próprio abrigo, agem a contra-gosto, o que jamais ocorreria em circunstâncias normais, isto é, se de fato não fossem totalmente carentes;

3) Não são desordeiros. São, ao contrário, trabalhadores honestos e pacíficos. São brasileiros que desejam com honestidade participar da vida laboriosa deste país, em cuja Constituição estão assegurados os direitos humanos, entre os quais o direito de morar.

4) Assim, em seu próprio nome e em nome de seus filhos, requerem a Vossa Excelência seja-lhes garantido o direito de continuarem onde atualmente se encontram para que, pacificamente, possam construir seus barracos, garantindo seu próprio abrigo". O texto é seguido das 466 assinaturas de posseiros.

CHUVAS

Apesar da intensa chuva que caía ontem na região, continuava intensa a atividade dos posseiros na construção de seus barracos, muitos deles não passando de quatro pedaços de pau cobertos de lonas ou folhas de palmeira. Apesar da chuva dentro das rústicas construções, inclusive, ninguém se afastava dos trabalhos.

Além da miséria das habitações, sem água, luz ou móveis, o local não tem transporte e é de difícil acesso rodoviário. A precariedade da situação poderá ocasionar até mesmo aumento das doenças, sobretudo as comuns à infância. Ontem, dezenas delas andavam de um lado para o outro, sob intenso temporal, auxiliando os adultos na limpeza do terreno, cuja vegetação foi queimada para permitir a realização do roçado, mais facilmente.

COMERCIANTES

Nenhum atrito entre posseiros foi registrado no local, segundo afirmou Antônio Oliveira, braçal, sete filhos, que ganha salário mínimo. "Aqui tinha só mato e a gente achou até punhal enferrujado. O lugar aqui servia apenas para esconder criminoso. Agora a gente está aqui e nós somos os donos, pois a gente precisa do terreno para levantar os barracos da gente".

Ele concordou que os barracos só ficam de pé por milagre, tamanha a fragilidade da construção. Contudo, alguns comerciantes, tanto de Vila Velha como de Cariacica, se apoderam de verdadeiras quadras no local, principalmente nas áreas mais centrais. Esses constroem barracos de madeira, aparentemente bastante seguros.

De acordo com os moradores, a polícia está em contato permanentemente com a área, mas não está intervindo, derrubando barracos e prendendo os posseiros, como nos primeiros dias da intensificação da invasão.